

Fibra de planta amazônica reveste carros

Raimundo José Pinto
de Belém

Quando os dirigentes da **Pematec-Triangel**, uma indústria de componentes automobilísticos instalada em São Bernardo do Campo (SP), estiveram há alguns anos na Alemanha em busca de informações sobre uma fibra natural que pudesse ser utilizada em sua linha de produção, jamais imaginavam que os alemães pudessem indicar uma planta da Amazônia, até então utilizada apenas de forma artesanal pelos índios e caboclos ribeirinhos do interior do Pará. Da mesma família do abacaxi, o curauá, que produz uma fibra utilizada na fabricação de tecidos, papel e artefatos para a indústria automobilística, vai ganhar até o início do próximo ano a sua primeira unidade industrial de processamento.

Leve e sem odor

Trata-se de uma fibra com resistência mecânica, leveza, ausência de odor, suavidade ao toque, facilidade na composição com outras fibras e vasta gama de utilização na indústria automobilística. Os contêineres com os equipamentos importados da Alemanha já estão no porto de Belém e seguem nos próximos dias para Santarém, no oeste do Estado, onde

será instalada a unidade industrial.

O chamado Projeto Curauá é um investimento de R\$ 47 milhões que envolve, além dos recursos da própria empresa, financiamentos do **Banco da Amazônia (Basa)**, do **Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)** e do governo do Pará, que também está concedendo incentivos fiscais.

Mantas agulhadas

Essa unidade vai transformar em mantas agulhadas a fibra do curauá, que serão então enviadas para a fábrica de Pematec em São Paulo, onde a empresa já utiliza essa fibra no revestimento de veículos do modelo Polo, da **Volkswagen**. Seu uso principal é na fabricação do porta-pacote do banco traseiro do veículo. São 300 carros por dia que já utilizam esse material. E nos próximos dias o curauá estará presente em outro lançamento da Volks, o Fox, com a incorporação de outras peças, como revestimento do teto e tampa do porta-malas.

Montadoras interessadas

Mas o sócio diretor da Pematec, Gilson Romanato, que esteve ontem em Belém em audiência com o governador Simão Jatene, disse que o projeto tem dimensões inco-

mensuráveis, tal a magnitude do mercado. Além da Volks, várias outras indústrias do setor já manifestaram interesse em conhecer o desenvolvimento de peças com a fibra do curauá, como a **Mercedes Benz**, **General Motors**, **Ford**, **Fiat**, **Honda**, **Toyota**, **Renault** e **Scania**.

Mercado em 2004

De acordo com Romanato, em 2004 deverão estar sendo comercializadas cerca de 1.500 toneladas da fibra, volume que deverá dobrar no ano seguinte, isso para atender somente a demanda da Volks. Com os novos clientes, há uma perspectiva de que somente o mercado automobilístico consuma algo em torno de 15 mil toneladas anuais. Mas outras áreas de produção, principalmente de papel e celulose, também deverão absorver a fibra do curauá. A lista de mercado em potencial é grande. Roberto Lisboa, fabricante há oito anos de pranchas de surf, disse que testes feitos com o curauá misturado à resina de poliéster em pequena quantidade mostraram um material com resistência, leveza e firmeza, componentes ideais para que uma prancha possibilite manobras radicais. "Fabricar a prancha de curauá é uma questão de tempo", avaliou Lisboa.

Com o Projeto Curauá, o Pará

vai fortalecer sua base como grande produtor de fibras naturais para o mercado automobilístico. É que desde 2001, a **Poematec**, uma empresa paraense com nome muito parecido à paulista mas que é ligada a um projeto da Universidade Federal do Pará, fabrica em sua unidade em Ananindeua, na região metropolitana de Belém, artefatos de fibra de coco e látex, fornecida por oito unidades de processamento de fibras, administradas por cooperativas comunitárias paraenses.

Encostos de cabeça

A Poematec fornece encostos de cabeça para veículos da Mercedes Benz. O secretário estadual de produção, Sérgio Leão, destacou que esses projetos são importantes dentro da política de desenvolvimento do Estado porque envolvem setores da sociedade que dificilmente seriam absorvidos por outros produtos de escala industrial. Tanto o aproveitamento da fibra do coco como do curauá envolve basicamente a agricultura familiar. O Projeto Curauá de Santarém, por exemplo, deverá gerar em torno de 4.000 empregos diretos e indiretos, envolvendo cerca de 1.000 famílias de pequenos agricultores da região conhecida como Lago Grande, em Santarém.

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL

Documentação

Fonte: Gilson Romanato e Rogério Jatene

Data: 3-5/10/2003 Pg. 1/14

Class.: 190